

CEBRI ENTREVISTA



Bate-papo com a Senior Fellow do CEBRI, Tatiana Rosito



"FOI TAMBÉM A PRIMEIRA CARREIRA A ADMITIR UMA MULHER POR CONCURSO PÚBLICO"

"HABILIDADES MULTICULTURAIS E LINGÜÍSTICAS MANTÊM UM PAPEL IMPORTANTE"

"A CARREIRA DE DIPLOMATA SEGUE UMA HIERARQUIA E É PRECISO TER A FLEXIBILIDADE E A RESILIÊNCIA"

"INICIAR A CARREIRA COM UM ESTÁGIO NA EMBAIXADA DO BRASIL EM BUENOS AIRES SOB A CHEFIA DO EMBAIXADOR MARCOS AZAMBUJA FOI CERTAMENTE UM PRIVILEGIO"

Como atua e qual a relevância do papel do diplomata?

Por Janaina Camara

A Senior Fellow do CEBRI Tatiana Rosito, ministra da carreira de diplomata, hoje cedida para a Petrobras, onde é Gerente-Geral de Desenvolvimento de Negócios na Ásia e Representante-Chefe do Escritório na China fala sobre a profissão. Rosito já serviu nas Embaixadas do Brasil em Pequim e em Cingapura e na Missão do Brasil na ONU. Também já foi Secretária-Executiva da Câmara de Comércio Exterior da Presidência da República (CAMEX), Chefe da Assessoria Especial do Ministro da Fazenda e assessora dos Ministros da Casa Civil e do Planejamento.

Como você avalia a relevância da carreira de diplomata no Brasil?

Acredito na importância histórica para o País, que deriva de ao menos três aspectos. O primeiro é que à diplomacia devemos a conformação atual do território brasileiro e de uma tradição de política externa de defesa dos interesses nacionais com base no direito internacional e em negociações pacíficas.



Esses conceitos são apresentados pelo Embaixador Rubens Ricupero no livro “A Diplomacia na Construção do Brasil”.

O segundo é o fato de a carreira de diplomata ter tradição de continuidade no Estado brasileiro, com processos de seleção por concurso público desde pelo menos a metade do século XIX. Curiosamente, foi também a primeira carreira a admitir uma mulher por concurso público, em 1918. O Rio Branco também foi pioneiro na introdução de políticas de ação afirmativa em prol da igualdade para os candidatos negros, mediante o oferecimento de bolsas de estudo prévias.

Um terceiro aspecto é o da diversidade de nossa diplomacia, onde se destacaram bacharéis e profissionais de diversos ramos das ciências humanas, sociais e exatas, além de artistas e literatos.

Vejo como muito importante investir ainda mais para aprofundar a especialização dos diplomatas ao longo da carreira, não somente em idioma, mas em temas como negociações comerciais, promoção comercial e gestão pública, entre outros.

Finalmente, em tempos de transição na ordem mundial e de questionamentos a aspectos fundamentais que moldaram as relações internacionais nas últimas décadas, a relevância da carreira me parece ainda maior, o que só pode se concretizar com ampliação do diálogo do Ministério e de seus quadros com demais órgãos de governo, empresariado, imprensa, Universidades, think tanks e sociedade civil, além de um diálogo com seus pares no exterior.

Que características um diplomata deve ter para exercer a profissão?

A principal é a vocação de servir ao Brasil e à coisa pública. Ao mesmo tempo, estar disposto a conciliar interesses pessoais a uma vida que exigirá muitos anos longe do País e dos familiares. Desde que entrei na carreira, esses sacrifícios foram amenizados pelos avanços da tecnologia das comunicações.

Em qualquer lugar do mundo, a carreira de diplomata segue uma hierarquia e é preciso ter a flexibilidade e a resiliência necessárias para identificar o equilíbrio entre a contribuição para a instituição e as expectativas pessoais. Naturalmente, a carreira está aberta não somente a uma diversidade de profissionais mas também a diferentes estilos de pessoas e creio que essa diversidade colaborou para a força e a renovação permanente da instituição.

O diplomata deve aliar o interesse permanente por mudanças e a curiosidade por novas descobertas a uma vida bastante dinâmica, em que é fundamental construir pontes e cultivar relações a cada novo destino no exterior ou a cada nova função.

Poderia destacar algum ou alguns momentos marcantes em sua trajetória como diplomata?

Tive oportunidades que configuram uma carreira diversificada e peculiar.

Iniciar a carreira com um estágio na Embaixada do Brasil em Buenos Aires sob a Chefia do Embaixador Marcos Azambuja foi um privilégio e aprendizado. A oportunidade de trabalhar na Casa Civil da Presidência da República sob a chefia do então Ministro Pedro Parente abriu-me novas perspectivas. No exterior, servir na Embaixada em Pequim por mais de cinco anos, a maior parte dos quais sob a chefia do Embaixador Clodoaldo Huguency, foi fonte de avanço profissional e de desafios intelectuais ímpares, inclusive, por ter chefiado interinamente a Embaixada, num momento em que as relações com a China passaram a ser um dos temas centrais não somente para o Brasil mas também na perspectiva mundial.

À frente da Secretaria-Executiva da CAMEX, tive a satisfação de liderar uma equipe de qualificados profissionais do Governo Federal e de implementar uma agenda de trabalho com foco na avaliação de políticas públicas e visão de abertura e produtividade, questões essas que hoje estão novamente no centro do debate.

Não poderia deixar de mencionar a minha enorme satisfação de estar servindo à Petrobras, o que me permite contribuir com experiências anteriores, sobretudo na Ásia, para desenvolver as ações da maior empresa brasileira, cujos destinos se cruzam com os do País em tantos aspectos.

Tive a felicidade, assim, de trabalhar ao longo de toda a minha carreira muito próxima das principais questões brasileiras durante esse período, como a busca pela solução para a crise de energia em 2001, o crescimento da importância da China e da relação bilateral com o Brasil, os desafios da produtividade e da abertura comercial e, last but not least, o pré-sal no contexto da transição energética em curso no mundo.



Qual foi sua motivação ao escolher a carreira?

Para alguém com uma formação econômica, humanista e de línguas estrangeiras, a diplomacia parecia abrir um leque de oportunidades muito interessante, não somente pela possibilidade de servir e representar o Brasil como parte de uma carreira de Estado de relevância, mas também de atuar na gestão pública, inclusive na esfera econômica e comercial. Decorridos mais de vinte anos de minha entrada no Rio Branco, posso dizer que minhas expectativas se confirmaram e que a carreira de diplomata tem-me oferecido oportunidades singulares de contribuir para o serviço público e a causa do desenvolvimento econômico brasileiro. Ao mesmo tempo, as habilidades multiculturais e linguísticas mantêm um papel importante, apresentando novos desafios, como o aprendizado do mandarim.